



UM RELATO FOTOGRÁFICO SOBRE O BAIRRO CENTENÁRIO DO ALECRIM¹

Luana FRANÇA²
Itamar NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Este trabalho contempla uma narrativa foto-textual cujo tema central é o Bairro do Alecrim, em Natal-RN, no contexto do seu centenário, comemorado em 23 de outubro de 2011. O principal objetivo é montar um fragmento histórico partindo de depoimentos de vários sujeitos a partir do papel social que eles representam na vivência do bairro, porém, o foco não é o detalhamento destes enquanto personagens da trama social, mas elaborar a escrita de acordo com suas experiências de vida utilizando a linguagem fotográfica como ícone de representação destas identidades.

Palavras-chave: Alecrim, Fotografia, História, Relações Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A seguinte narrativa fotográfica constrói um apanhado visual e textual sobre o Bairro do Alecrim, na Zona Leste de Natal, um dos mais tradicionais e conhecidos da cidade. Reduto do comércio popular natalense, o Alecrim é conhecido por sua diversidade, seja de produtos, seja de pessoas que circulam diariamente em suas ruas movimentadas, barulhentas e pela disputa do espaço nas calçadas e paradas de ônibus. Podemos abstrair da convivência e da observação muitos elementos constituintes das sociedades urbanizadas. Os variados tipos de relações sociais permeiam e constroem o bairro desde sua fundação e ao longo do tempo, devido à maior quantidade de pessoas, se acentuam e se mostram mais evidentes.

A prática da vivência retrata na sociedade diversos personagens, cujos modelos são iconizados e indiciados a partir das suas ações, ainda mais no que se refere ao âmbito do trabalho. No caso do Alecrim, têm-se uma quantidade absurda desses símbolos, principalmente os ligados ao comércio. O bairro concentra 40% de todo comércio varejista da capital.

Esse tipo de atividade conota por si só imensas reflexões do relacionamento interpessoal, pois ela depende do contato direto dos sujeitos, força relações humanas

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – na Divisão Temática 4: Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Rádio e TV da UFRN, e-mail: luana.afranca@yahoo.com.br

³ Professor orientador do trabalho, do Departamento de Comunicação Social da UFRN, e-mail: itanobre@gmail.com



momentâneas, entre o cliente e o vendedor. Está inclusa aí toda uma teia que parte desde a necessidade de sobrevivência do trabalhador até sua capacidade de entendimento do outro, para materializar o desejo do cliente que compra, e conseguir assim, obter êxito na transação e garantir o pão de cada dia.

Contudo, não são apenas estes quesitos existentes na realidade do bairro. Toda sua esfera contempla muitos outros detalhes que contribuem na formação de sua identidade e na maneira como o enxergamos. Por ser assim, é querido por uns e odiado por outros. Muitos o adoram por ter de tudo e a preços módicos, outros não suportam a lentidão de andar em suas calçadas ocupadas por camelôs e transeuntes.

2 JUSTIFICATIVA

A linguagem fotográfica é capaz de sintetizar em um ícone diversas percepções e reflexões sobre o instante. Partindo dessa característica nata à imagem, abstraímos valores do ponto de vista artístico, sociológico, poético e psicológico da construção social. Um referencial fotográfico não é apenas algo que está sendo enquadrado pelo fotógrafo para posteriormente ser visto por alguém, por trás deste princípio encontramos uma complexidade de relações preexistentes, que culmina no encontro entre o fotógrafo e o momento fotográfico.

A fotografia enquanto documento não engloba somente uma realidade específica ilustrativa da narrativa social, dentro dela, existem realidades que contemplam a realidade dos fatos em si, a realidade do fotógrafo e do referente. Nos primórdios do fotojornalismo, esse entendimento não era muito explorado, à imagem era dado o poder demonstrativo da realidade.

“A tarefa dos primeiros repórteres da imagem fotográfica era a da feitura de fotografias isoladas, com o fim de ilustrar uma história. É apenas a partir do momento em que a imagem se torna, ela mesma, história de um acontecimento que se conta numa série de fotografias acompanhada por um texto frequentemente reduzido apenas a legendas, que começa o fotojornalismo propriamente dito.” (FREUND, 1995, p. 112)

A evolução do jornalismo gradativamente deu um status diferenciado à fotografia nesse meio. Se no início o objetivo era dar ao leitor uma noção espacial e contextualizada da notícia, temos nos dias do hoje a necessidade da imagem para a compreensão dela e como testemunho da veracidade daquele fato.

No dia 23 de outubro de 2011, o Bairro do Alecrim tornava-se centenário. Dentro de um século, tornou-se um dos bairros mais importantes da cidade, refletindo o crescimento de Natal e do nosso desenvolvimento urbano ao longo desse tempo. O fato histórico contém várias possibilidades de ser registrado e transmitido. Tradicionalmente, temos essa construção



baseada na visão de poucos, desvalorizando muitas vezes a própria subjetividade dos sujeitos que viveram esse contexto, dando quase sempre, voz a alguns que descrevem à sua maneira a ocorrência dos acontecimentos, generalizando o todo, mas que na verdade é apenas um fragmento dele.

A fotografia também é um fragmento, produzida a partir da percepção e do desejo do fotógrafo em mostrar algo. Contudo, o que acrescenta novidade a isso é a forma de captação desse fragmento, o que é referencial e de qual ponto a narrativa histórica se baseia. Enquanto documento social, a foto tem um papel indispensável no registro de tal episódio, é ela que sintetiza o caráter visual da realidade e que servirá futuramente para a compreensão do atual presente.

“Uma fotografia original, é assim, um *objeto-imagem*: um *artefato* no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido. Um original fotográfico é uma fonte primária”.
(KOSSOY, 2011, p. 40)

Por se tratar de um momento ímpar na história de Natal, percebi a necessidade e a relevância de abordá-lo a partir das percepções dos que cotidianamente estão no Alecrim, de construir o documento considerando as experiências pessoais de vários indivíduos que por algum motivo estão lá, e que contam seus relatos à sua maneira e dão seu rosto para representar os personagens urbanos presentes nele.

3 OBJETIVOS

Partindo do pressuposto do centenário do Alecrim, comemorado em 23 de outubro de 2011, a seguinte narrativa foi construída com o intuito de mostrar os personagens presentes no dia-a-dia do local, onde vivem ou passam parte do tempo.

Podemos resumir diversos tipos sociais e lugares típicos do Alecrim: o Camelô, o Feirante, o Cliente, o Morador, o Trabalhador, o Estudante, o Esporte, a Cultura, o Cemitério, a Praça Gentil Ferreira, o Relógio e diversos outros espaços comuns a qualquer bairro. O diferencial é o próprio contexto de aniversário e as peculiaridades presentes nesse ambiente, o que o torna ímpar quando analisamos o seu valor para a população natalense.

Focar a construção dessa história no sujeito que incorpora esses personagens sociais é o principal objetivo desta narrativa visual. O intuito é valorizar o que Boris Kossoy trata como *segunda realidade*, que é a do referente.



Inicia-se, portanto, uma outra realidade, a do documento: a *segunda realidade*, autônoma por excelência. Inicia-se um outro processo: o da vida do documento. Este não apenas conserva a imagem do passado, faz parte do mundo. (KEIM, 1971, p. 66 in KOSSOY, 2001, p. 44)

Nesse caso, essa segunda realidade não contempla apenas o referente mostrado pelo fotógrafo na sua experiência de vida, que por algum motivo se faz presente no fragmento de realidade explorado por quem fotografa. Ela mesma é tratada pelo próprio ao relatar suas vivências no seu modo de enxergar a realidade, e de que forma ele participa do momento histórico.

4 METODOLOGIA

A presente narrativa visual construiu-se para servir como avaliação referente à 3ª unidade da disciplina de Fotojornalismo, ministrada pelo Prof. Dr. Itamar Nobre, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Inicialmente se teve a proposição da atividade em sala de aula pelo professor, que abriu espaço para escolha do tema de acordo com vontade do aluno. Esta produção abordando o centenário do Bairro do Alecrim deu-se a partir das seguintes etapas:

- Proposição da atividade em sala de aula: construção de uma narrativa visual em 10 fotografias sobre qualquer tema;
- Escolha do tema;
- Visita ao local entre os dias 04 e 13 de junho de 2011 para produção das fotografias e captação de depoimentos dos sujeitos envolvidos no contexto social do aniversário, com perguntas focando suas histórias de vida e sua relação com o bairro;
- Envio dos filmes para serem revelados em estúdio fotográfico;
- Releitura e escrita dos depoimentos numa ordem que confira sentido, devido à dispersão cronológica muitas vezes existente na oralidade;
- Escrita de um relatório final que embase o trabalho nos referenciais teóricos da bibliografia.



4.1 Materiais utilizados na produção e resultado final:

- Máquina fotográfica analógica Nikon FM10;
- Filme fotográfico Fujicolor Superia X-TRA ISO 400 de 36 poses;
- Conjunto visual-narrativo de 10 fotografias sobre o tema escolhido, reveladas em papel fotográfico fosco de dimensões 10 X 15 cm.

5 ALECRIM: UM PASSEIO FOTOGRÁFICO PELO BAIRRO CENTENÁRIO

“O mundo exterior nos fornece um campo contínuo e indiferenciado de fenômenos que animam permanentemente o campo da nossa retina com impressões cuja característica é serem contínuas [...]”.

(FRANCASTEL, 1972, p.70 in KOSSOY, 2001, p. 43)

- Alecrim F. C:



Aos 15 de agosto de 1915 um grupo de rapazes formado por Lauro Medeiros, Pedro Dantas, José Firmino, Cel. Sólton Andrade e Café Filho fundara o Alecrim F.C., outra vertente histórica do bairro e do esporte potiguar. Nesses 95 anos de vida, o time amargou derrotas e o quase esquecimento e desfrutou de vitórias como os memoráveis campeonatos estaduais de 1985 e 1986 e a ascensão à série C em 2009. Na época de fundação do time, a elite do futebol estava no América e ABC, a escalação do Alecrim era composta por negros e descendentes de índios. Longe da rivalidade efervescente entre as torcidas dos dois maiores times do estado, o

esquadrão esmeraldino é querido e respeitado por ambas, que ganha adeptos a cada disputa cujo rival é o time inimigo. Presente no coração de muitos natalenses, com uma torcida pequena e fiel, o Alecrim é o único time brasileiro que teve um ex-presidente em sua escalação e permeia o imaginário dos amantes do futebol natalense assim como o bairro que lhe dá nome.

- Benício Damásio da Costa:



Aos 46 anos, Benício diz que há 40 vive na rua. Nasceu na Maternidade Januário Cicco e logo cedo foi expulso de casa pela mãe com seus irmãos. Eles se dispersaram e não tem mais contato, foram se espalhando pelos lugares. Sempre viveu no Alecrim, atualmente habita a Praça Gentil Ferreira e nem se dá conta do tempo que passa por causa do relógio do bairro, que está quebrado. Diz que sua vida é tranquila e nunca sofreu violência nesse tempo todo. Diariamente aparecem pessoas que distribuem sopa entre os moradores, e, quando pode, almoça no Restaurante Popular Barriga Cheia. Afirma se relacionar bem com os outros que também lá habitam e só sai do Alecrim quando morrer. Mesmo com todas as carências da sua situação, fala que o importante é estar vivo.

- Érica Sthefane:



Trabalha na banca da sua mãe desde os 15 anos no camelódromo do Alecrim. Aos 21, nunca teve outro emprego e não pretende mudar de ramo, pois gosta da liberdade e da autonomia do seu trabalho por não obedecer a um patrão, sentindo-se mais à vontade. Isso não significa deixar a banca de qualquer jeito. Tudo que precisa encontra no Alecrim, variedade e bons preços são as melhores qualidades do bairro. Às vezes reclama dos clientes complicados, que não sabe muito o que quer e precisa e ela tenta adivinhar o que eles desejam comprar.

- Jaime Câmara de Araújo:





Aos 80 anos, é um ente vivo da história do Alecrim. Dono da Farmácia Progresso, fundada em 1967 na Av. Coronel Estevam. Diz que antes o bonde e a feira eram a em frente à sua loja. Ele é farmacêutico e estampa na parede um afresco com sua imagem e as datas importantes de sua vida, desde o seu nascimento em 1931. Mas, só foi registrado como nascido em 1932, pois sua mãe não queria que ele e seus irmãos fossem para a guerra por já serem maiores de idade. Lá tem a data de casamento, dos nascimentos dos seus 5 filhos, quando se formou farmacêutico e advogado e quando ganhou do Conselho Regional de Farmácia, em 2011, o mérito pelos relevantes serviços prestados à farmácia potiguar. Ama o que faz e não pensa em se aposentar momento algum, para ele, estar ali é uma forma de lazer. Já fez curso de informática, pois pretende escrever um livro. Com muito bom humor diz que só vai morrer em 2056, aos 125 anos no Kintal II dançando nos braços de uma mulher.

- Luan Goulart Barbosa:



Luan é um dos mais novos habitantes do bairro, com 9 anos, mora lá há apenas 3 meses. Seu pai é cabo da Marinha e sua mãe era comerciante. Nasceu no Rio de Janeiro e agora mora na Base Naval com os pais e 2 irmãos mais velhos. Vai ficar aqui até 2014. Nunca morou fora do Rio de Janeiro. Aqui já conheceu Genipabu, o shopping e algumas ruas do Alecrim, que segundo ele são barulhentas e cheias de gente. Faz o 4º ano na Escola Estadual Ary Parreiras, uma das mais tradicionais do bairro, fundada há 60 anos. Luan tem muitos amigos, a maioria, assim como ele, filhos de militares e de outras cidades, gosta de jogar vídeo-game.

- Maria Alves da Silva:



Mora em Ponta Negra e há uns 10 anos vai à feira todo sábado. Mesmo sendo longe de sua casa, prefere ir ao Alecrim devido à variedade e qualidade. Dona Maria, de 71 anos é uma velha conhecida dos alunos da UFRN, suas coxinhas são famosas, principalmente nos setores II e V. Trabalha fazendo entrega de doces e salgados para quiosques, ainda cuida de uma criança especial e de Mateus, de 8 anos, que desde novo o adotou, estando diariamente com ela no trabalho, vendendo brigadeiros e acompanhando-a por todos os outros lugares.

- Maria das Mercês Bernardino:



Maria das Mercês Bernardino, 67 anos é uma andarilha que busca refúgio no Alecrim. Mora no Gramoré, Zona Norte de Natal, mas vive a caminhar pelas ruas do bairro há cerca de 8 anos quase todos os dias. Frequenta a Igreja Pentecostal Deus é Amor e encontra sossego nas ruas barulhentas, pois prefere estar lá a ficar em casa ouvindo pilhérias. Se queixa que em casa é atordoada o tempo todo e para fugir disso, vive a caminhar pela cidade. Vez ou outra visita Petrópolis, vai à praia, mas mantêm maior parte do tempo passeando e conversando sozinha lá.

- Severina Gonçalves:



Nascida em Serra de São Bento, veio para Natal aos 21 anos. Severina Gonçalves, de 63 anos imediatamente tornou-se feirante, faz isso há 42 anos e já percorreu diversas feiras livres da cidade, mas atualmente está só na do Alecrim e das Rocas, pois já não tem mais a ajuda dos filhos e se sente cansada. Mora na Zona Norte e gosta muito do Alecrim: trabalha, compra, resolve tudo nele. Escolheu ficar lá por causa da freguesia fixa, mas lamenta a queda nas vendas por causa da maior quantidade de supermercados e da diabetes. Na alta estação ainda tem a visita dos turistas e sua maior clientela é a de crianças que acompanham os pais e pedem doces. Hoje considera sua situação de trabalho bem melhor, a feira é coberta e mantêm melhor as bancas. Disse que se precisar de alguém para falar sobre os 101 anos do bairro estará lá à disposição.



- Silvio Ney de Souza Jr:



Silvio tem 12 anos e há 2 estuda violino. Começou a tocar na igreja Assembleia de Deus do bairro Cidade Satélite, onde mora com a família. Há 1 ano estuda música na Casa Talento, localizada no Alecrim desde 2000. Ganhou de seus pais um violino no aniversário do ano passado e quer ser músico. Faz o 7º ano na escola CELM. Duas vezes na semana tem aula de violino. Mesmo achando o Alecrim longe de casa, gosta de ir lá por causa da música.

- Tânia Alves de Souza:





Tânia Alves de Souza tem 53 anos de idade e trabalha como zeladora no Cemitério do Alecrim vai completar 25 anos no serviço em 22 de novembro. Anteriormente havia trabalhado no comércio. Atualmente mora nas Quintas, pois teve que deixar o Alecrim há 2 anos depois de uma chuva que derrubou a estrutura mal feita de sua casa, onde morou durante 23 anos. Gosta muito do ofício que tem, até leva os filhos para lá. Diz que não o trocaria por outro, e principalmente, se sente atraída pela tranquilidade existente nesse ambiente. Mesmo fora de serviço, costuma ir lá passear, o silêncio dá paz e gosta de pensar na vida, rezar e curar o stress, e até mesmo dormir e ainda por cima, tem a vista do Rio Potengi. Considera o cemitério um dos mais importantes da cidade porque várias personalidades históricas estão lá e existe antes mesmo da fundação do bairro, lamenta que será enterrada no do Bom Pastor. Durante todo esse tempo nunca viu assombração e encara a vida como uma passagem. Ela afirma que dessa repartição todo mundo tem medo, mas de qualquer jeito um dia vai pra ela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro de Alecrim é para mim um dos mais essenciais na construção histórica na cidade do Natal. O ensejo do centenário nos permite diversas abordagens que ajudem a construir uma imagem que reflita ou pretenda refletir fielmente a realidade do local.

Contar a história a partir dos seus atores muitas vezes esquecidos é o pontapé que nos permite compreender a dimensão social e psicológica que este lugar estabelece no imaginário da nossa cidade. Ali não existem somente trabalhadores, moradores, estudantes, mendigos, ladrões, comerciantes e clientes. Cada um deles é um sujeito particular e desenvolve no lugar relações subjetivas que vão muito além dos estereótipos que formamos quando os pensamos através do papel social que desempenham.

Os depoentes falaram em poucas palavras fatos de suas vidas e como o bairro é relevante em alguns aspectos de suas vivências, certamente, isso se dá de forma diferenciada pelos contextos vividos específicos. De crianças a idosos, o Alecrim engloba uma atmosfera complexa de realidades que circulam compartilhando o mesmo espaço, que se dissociam nas suas particularidades e associam pelo elo espacial das experiências dos sujeitos ali presentes.

As memórias se erguem na dimensão espaço-temporal vivida por quem se abriu para a construção desta narrativa. À sua maneira, eles ressaltam os pontos mais importantes para si e o que mais lhe convém naquele lugar. Percebemos daí o carinho e as relações afetivas desenvolvidas entre o indivíduo o bairro. Essa dimensão perpassa o viés da prática e atinge os estágios sócio-psicológicos das pessoas sobre seu próprio entendimento enquanto sujeitos.



A valorização das experiências é crucial na formação da identidade de qualquer lugar, infelizmente, muitas vezes, a abordagem técnico-acadêmico da historiografia desvaloriza essas singularidades. Percebemos na atualidade uma quebra desse conceito e cada vez mais, a academia considera a história oral, o olhar pessoal, como algo extremamente válido na pesquisa, a linguagem documental nunca esteve tão em evidência como agora, extremamente respaldada pelos meios audiovisuais.

A fotografia ocupa lugar de destaque nesse panorama. A forma que ela se dá permite uma reflexão extremamente ampla de como se dão as relações sociais constituintes do ambiente, ela, através do olhar e percepção do fotógrafo traz à tona a possibilidade de infinitude do instante, que muitas vezes é esquecido por sua própria repetição.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

FREUNDE, Gisèle. Fotografia e Sociedade. Coleção Comunicação e Linguagens. Veja Editora: Lisboa. 2º ed. 1995.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial. 2º ed. 2001.

SITES PESQUISADOS

Alecrim F. C. Disponível em: <http://www.alecrimfc.com>. Acesso em 14 jun 2011.

Casa Talento. Disponível em: <http://www.casatalento.net> Acesso em 14 jun 2011.

O melhor do bairro. Disponível em: <http://www.omelhordobairro.com.br/natal-alecrim/page14726.htm> Acesso em 13 jun 2011.